



ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO – site: <http://www.sed.sc.gov.br>
ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO - e-mail: imprensa@sed.sc.gov.br; Contato: 3221 6161

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

CLIPPING
19/04/2012



Veículo:	Notícias do Dia	
Editoria:	Editorial	Data: 19/4/2012
Assunto:	Greve com motivação política	Pág: 10

Greve com motivação política

A greve dos professores do Estado foi programada para começar segunda-feira, dia 23, mas todas as apostas do governo são no sentido do esvaziamento do movimento, em vista do desgaste do ano passado, quando os mestres foram obrigados a repor as aulas não ministradas, e da não adesão das camadas da categoria que tiveram praticamente dobrado o seu salário a partir do pagamento do piso nacional do magistério. A mobilização é bem menor que a de 2011, quando a paralisação durou 62 dias e teve o apoio de boa parte da sociedade, ciente de que o desres-

peito à lei do piso, pelo governo anterior, estava desmotivando a classe dos professores em Santa Catarina.

O que vem ocorrendo é a condução política do movimento, que já era dado como certo desde o início das atividades letivas, em fevereiro passado. Há regiões em que a greve é praticamente nula, enquanto outras, em vista da forte mobilização da categoria, conseguem arrebatar mais simpatizantes para a causa da represália ao governo, que não tem lastro financeiro para dar o reajuste linear pedido pelos professores.

Como o sindicato da categoria é dominado por esta facção, a tese da paralisação foi vencedora na assembleia realizada terça-feira na Capital.

Resta saber quem sairá vencedor nesse embate. É certo, porém, que não serão os pais e alunos, pelas perdas no aprendizado e pela desorganização da rotina familiar, por conta de aulas que não serão ministradas. Além disso, há o temor de que o conteúdo se perca definitivamente, porque houve casos, em 2011, em que a reposição não ocorreu ou foi feita de forma açodada, sem proveito para os estudantes.



Veículo:	Diário Catarinense	
Editoria:	Roberto Azevedo	Data: 19/4/2012
Assunto:	Professores / Posição	Pág: 8

Professores

Os deputados da base de apoio a Raimundo Colombo na Assembleia emitiram uma nota oficial, no início da noite de ontem, para, em resumo, dizer que, pelas características do movimento de paralisação marcado pelos professores estaduais, não atuarão como mediadores com o governo, como aconteceu no ano passado.

A nota foi assinada por 30 dos 31 deputados, porque Altair Guidi (PPS) não participou da reunião que definiu a manifestação pública. A íntegra do documento está no Blog do Azevedo em www.diario.com.br e mais informações sobre a anunciada greve na página 24 desta edição.

Posição

Um dilema sobre o Piso Nacional do Magistério. Os e-mails enviados por professores da rede estadual à coluna mostram a indignação com o não pagamento do que está previsto em lei. O governo do Estado rebate, diz que honra os valores e que manterá a política de recuperação salarial.

Para o Centro Administrativo, a greve tem uso partidário. Tem gente que não aceita o rótulo, porém, ontem, na propaganda eleitoral na TV, o ex-deputado Afrânio Boppré, do PSOL, acusou o governo de não pagar o piso. Foi chamado de desinformado pela administração Colombo.



Veículo:	Diário Catarinense	
Editoria:	Geral	Data: 19/4/2012
Assunto:	Governo tenta evitar adesão	Pág: 24

GREVE DOS PROFESSORES

Governo tenta evitar adesão

Enquanto o Estado orienta os diretores a manterem as escolas funcionando, Sinte trabalha na mobilização da categoria

As divergências

A expectativa da Secretaria de Estado da Educação sobre a greve do magistério da rede estadual, marcada para começar na próxima segunda-feira, é de que as aulas sigam normalmente, sem prejudicar os alunos, pois acredita que a adesão não deve ser elevada.

Enquanto isso, o Sindicato dos Trabalhadores em Educação (Sinte) trabalha para mobilizar a categoria.

De acordo com o secretário de Educação, Eduardo Deschamps, a orientação é de manter as escolas funcionando normalmente. Também foi solicitado o lançamento das faltas para futuros descontos.

Além disso, para as turmas que estiverem sem professores serão providenciadas outras atividades

O QUE DIZ O GOVERNO

- **Que já** cumpre a lei nacional do piso dos professores porque ela garante o reajuste ao menor salário-base dos professores e não fala em repasse do aumento para toda a categoria do magistério.
- **Não teria** como repassar 22% para todos os professores de uma única vez porque causaria um impacto de R\$ 1,9 bilhão, o equivalente a 2,3 vezes

para o aluno. Para Deschamps, o estudante não pode ser prejudicado novamente, já que, no ano passado, 60% dos 380 mil alunos da rede foram afetados com a greve. O secretário prefere aguardar até segunda-feira para falar sobre a adesão.

– Nossa expectativa é de que ela não seja elevada porque estamos explicando os ganhos que já foram obtidos pelo magistério ao longo desses meses. Também vimos muita opinião

do valor da folha prevista para 2011.

- **Descompacta** a tabela, aumentando a diferença salarial entre os diferentes níveis de formação, o que era um pedido dos docentes, já que do jeito que estava não estimulava os professores a buscarem qualificação profissional.
- **Dá outros** benefícios à categoria, como o aumento da vale-alimentação, que passará de R\$ 6 para R\$ 12.

contrária à greve, principalmente de pais dos estudantes – relatou.

Entre os benefícios que a categoria recebeu, o secretário ressalta que, com a última proposta apresentada, o salário de um professor com doutorado terá, até dezembro de 2013, um aumento de 70%, comparado com o que recebia em abril de 2011.

– Enquanto isso, o percentual de aumento acumulado do piso em 2011 e 2012 foi de 41%. Ainda que

O QUE DIZ O SINDICATO

- **Pedem que** o reajuste de 22% seja repassado a todos os outros níveis.
- **Não concordam** com o parcelamento do aumento porque em 2013, quando o governo não tiver terminado de dar o reajuste de 2012, já haverá mais uma atualização no valor do piso nacional.
- **Deram prazo** para o governo apresentar uma proposta adequada.

aumente cerca de 20% em 2013, o reajuste do piso não vai chegar aos 70% que um professor de doutorado recebeu. É uma proposta boa e o governo cumpre a lei.

Deschamps voltou a afirmar que não haverá nenhuma reunião com o Sinte antes de segunda-feira e que as negociações só serão retomadas quando os professores voltarem para a sala de aula:

– Quem interrompeu as negociações foi o Sinte ao decretar greve. Se eles voltarem para a sala de aula, no dia seguinte estaremos sentados para conversar de novo – afirmou.

O coordenadora do Sinte, Alvet Bedin, informou que seria protocolado, ontem, o ofício pedindo ao secretário a continuação das negociações. Eles pedem que o reajuste de 22% dado ao piso nacional do magistério, em fevereiro, seja repassado a todos os professores, e neste ano, sem parcelamento, como foi sugerido.

– Queremos que o governo apresente uma nova proposta, melhor e que respeite o piso – declarou.

Na segunda-feira, as regionais do sindicato irão fazer assembleias para organizar o movimento. Eles também irão explicar aos pais e aos alunos os motivos da paralisação, que é por tempo indeterminado. Na próxima quarta-feira, haverá a primeira reunião do comando de greve.



Veículo:	Notícias do Dia	
Editoria:	Paulo Alceu	Data: 19/4/2012
Assunto:	Priorizando o aluno	Pág: 2

Priorizando o aluno

Conversando com o secretário da Educação, Eduardo Deschamps, ele relatou que a maior lição que teve em relação aos 64 dias de greve do magistério no ano passado foi negociar com a categoria paralisada. Um erro. Isso acabou estendendo a greve e penalizando o aluno. Ou seja, não vai se repetir. Nesse clima não há mais negociação. O Sinte, pelo visto, pretende partir para uma queda de braço. Só que não existe clima para radicalismos. Várias medidas estão sendo tomadas pela Secretaria da Educação visando manter as escolas em funcionamento, inclusive, com ações pedagógicas que garantam o aluno nas salas de aula em atividade. As faltas serão assinaladas e tomadas medidas administrativas. Os diretores, como cargos de

confiança, terão por responsabilidade manter as escolas abertas. A ordem é evitar o confronto e priorizar o atendimento ao aluno, além de apresentar aos pais, interessados, informações sobre pagamentos e reajustes, bem como, sobre o piso. Num período em que a inflação foi 17%, os reajustes para a categoria chegam a 70%, garantiu o secretário. Outro dado importante. A base governista na Assembleia, que representa 31 parlamentares, em nota oficial, defendeu a negociação desde que os professores permaneçam em atividade e considerou a greve injusta, inoportuna e precipitada. O ideal nesse descompasso era a conquista de uma solução emoldurada pelo bom senso, que dependerá agora muito mais do Sinte, que representa a categoria.



Veículo:	Notícias do Dia	Data:	19/4/2012
Editoria:	Cidade	Pág:	6/7
Assunto:	“Sinte declarou guerra”		

“Sinte declarou guerra”

EVERTON PALAORO
everton@noticiasdodia.com.br
@palaoro_ND

O secretário de Estado da Educação, Eduardo Deschamps, não negocia com grevistas. A questão está decidida e ele repete em alto e bom som: “É uma declaração de guerra do Sinte. Vamos esperar a categoria voltar, para retomar as negociações.” Agora, Deschamps trabalha para amenizar os impactos da paralisação, marcada para começar na segunda-feira nas 1.112 escolas da rede estadual de Educação.

O Sinte-SC (Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Santa Catarina) decidiu entrar em greve na assembleia na terça-feira, mas a votação nas assembleias regionais não foi unânime. Esse fato faz o governo acreditar que o movimento terá baixa adesão. O que minimiza

os impactos no ano letivo dos 620 mil estudantes da rede. Deschamps ressaltou que grande parte da categoria reconhece os esforços do governo do Estado para melhorar o salário dos professores.

Como trunfo, o secretário tem em mãos uma planilha com as concessões feitas aos profissionais da Educação. “Nós investimos R\$ 600 milhões na folha de pagamento. Não posso pegar o orçamento inteiro e colocar nos salários. Tenho que garantir material didático, tecnológico e formação continuada. O governo tem que dar garantias de trabalho, mas há limites”, ressaltou.

No ano passado, a greve do magistério afetou 320 mil alunos. Foram 62 dias de paralisação. Apesar disso, os grevistas tiveram abono das faltas mediante acordo de reposição. O protesto levou os estudantes a frequentarem as salas de aula, em muitos casos, até o dia 6 de janeiro deste ano para encerrar o ano letivo.

Secretário, o que muda em relação ao ano passado? Por que o o sindicato rejeitou as propostas do governo?

Nada. O governo trabalhou para cumprir a lei do piso. Hoje, nenhum salário é menor do que exige a lei. Estamos trabalhando para manter o cronograma de descompressão dos salários, junto com o governo federal. Houve precipitação do sindicato. Estávamos negociando, mas com a categoria parada, não haverá negociações. Se houver isso, você corre o risco de estender a greve. O Sinte declarou guerra. Agora, vamos esperar a categoria voltar.

Há condições do governo fazer nova proposta até segunda-feira?

Não. Se houvesse alguma assembleia do Sinte marcada antes de segunda-feira, nós continuaríamos negociando. Mas não há. Já trabalhamos que a greve começa na segunda-feira.

Em qual região do Estado a pressão é maior?

Em Florianópolis. Não é a categoria, mas o Sinte. A Grande Florianópolis, o Sul e o Litoral são as regiões onde o posicionamento é mais radical.

No ano passado, a greve perdeu força a partir do momento em que o governo iniciou a contratação de ACTs para suprir a falta de professores. Essa estratégia será adotada novamente para frear a paralisação?

Não é uma medida que se pode adotar imediatamente. Suponha que a adesão à greve seja curta. Isso gera custos para o Estado.



Alunos e pais não querem greve, mas culpam o governo pela paralisação. Desde o começo do ano, os professores trabalharam o assunto em sala de aula fazendo com que o desgaste fique para o governo. Foi feito um contraponto?

Fiz reunião com todos os diretores e passamos o plano da Educação. Eles são agentes do governo do Estado nas escolas. Por esse trabalho, podemos constatar que não há clima para uma nova greve.

Como a Secretaria de Educação vai acompanhar a evolução da greve, principalmente no interior do Estado?

Estamos orientando as secretarias regionais, que vão nos passar os números da greve, diariamente.

Como os pais devem proceder na segunda-feira? Haverá suspensão das atividades?

Os pais têm que levar os filhos para a escola. Se identificarem algum problema, devem nos informar. Os diretores têm que garantir o acesso à Educação. Se descumprirem, vamos tomar as medidas cabíveis. O diretor tem que garantir o funcionamento da escola. Faz parte das suas atribuições.

O governo federal já enviou algum recurso para ajudar o Estado a custear o piso do magistério?

Estamos no terceiro ano do piso, mas não recebemos nenhum centavo. Apesar de ter posicionamento na lei, a conta vai toda para o Estado.

FLORIANÓPOLIS — Os alunos do 3º ano do ensino médio da Escola de Educação Básica Aderbal Ramos da Silva, no Estreito, estão preocupados com os impactos de uma nova greve. Mesmo antes da assembleia estadual dos professores, que aconteceu terça-feira, os estudantes contaram que houve uma aceleração no repasse dos conteúdos. “O bimestre fechava no dia 30, mas já estamos com as últimas provas marcadas. Eles sabiam que ia ter greve e adiantaram tudo. Deram até trabalhos para gente fazer para complementar a nota. Se

“Cada escola vai se organizar de sua forma”

O Sinte-SC já decidiu qual será a programação para o começo da greve, na semana que vem. Na segunda-feira, haverá reuniões em todas as 30 regionais do sindicato no Estado. Terça-feira é o dia da primeira reunião do comando de greve, com representantes das regionais. De acordo com Alvet Bedin, presidente do Sinte, até amanhã haverá entrega de panfletos nas escolas e conversas com alunos e pais.

“Cada escola vai se organizar de sua forma para esclarecer sobre os motivos da greve. Nós já

encaminhamos ofício ao governo comunicando a decisão pela greve e solicitando nova audiência”, explicou. Os professores querem manter as negociações e aguardam nova proposta da administração estadual. “A nossa contraproposta é a garantia do reajuste para todos. A proposta do governo, para 16 níveis, não chega a reajuste de R\$ 60”, lamentou.

A presidente garantiu que não há possibilidade de não haver greve na segunda-feira. “Nova assembleia estadual só será marcada com uma nova proposta em mãos”, avisou.

RAIO-X DA EDUCAÇÃO

Números da rede estadual

620 mil alunos

18 mil professores em sala de aula

1.112 escolas em SC

6 mil profissionais fora da sala de aula, incluindo cargos de direção, administração e licença

20 mil professores ACTs (Admitidos em Caráter Temporário)

Terceirão teme pelo conteúdo

Aceleração. Os professores já adiantaram matéria antevendo que haveria uma nova greve

está assim agora, imagina com greve”, relatou Karina Vieira, 16.

Com as preocupações voltadas para o vestibular, Karina e seus colegas lembram do ano passado. Eles cursavam o 2º ano e acompanharam a luta dos estudantes do terceirão para recupe-

rar os conteúdos perdidos nos 62 dias de greve. “O vestibular não espera. Queremos fazer faculdade e a recuperação não é suficiente”, disse Thayse Araújo, 16.

Rita de Cássia Steinck Dias, 16, reforçou a impossibilidade da

cursinho pré-vestibular. “Somos a favor do que os professores querem, mas não dessa forma”, acrescentou Aline Passos, 17.

Os alunos temem que o ano passado se repita e que muitos conteúdos sejam perdidos. “Nós ganhávamos pontos por tudo, até nas atividades recreativas, para termos nota para passar. Foi fácil. Mas não conseguimos fixar os conteúdos, porque os professores passavam rápido por eles”, contou Henrique Silva, 16.

Ele, Danilo Luís Costa, 16, Isaac José Younan, 16, e Matheus Fagundes Euderete, 17, concordaram sobre suas rotinas no período da greve de 2011. “Não fazíamos nada. Só encontrávamos com os amigos”, concluíram.

“ Houve precipitação do sindicato. Nós estávamos negociando.

EDUARDO DESCHAMPS, SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO



Estudantes lamentam a repetição de 2011

Os alunos do 1º ano também estavam descontentes e questionaram a validade da greve. “Acho injusto com a gente, mas é uma responsabilidade que o Estado deveria assumir. Os professores têm que lutar, mas a greve do ano passado não resolveu. Não sei se agora vai mudar”, disse Dakny Bassedone, 15. “Se o governo disse que não vai negociar enquanto eles estiverem parados, e os professores disseram que não voltam se não tiver negociação, onde vamos parar? Como a gente fica nesta história?”, indagou Luiz Antonio Costa, 15.

Thyago Henrique Nascimento, 17, cursa o 3º ano e pretende prestar vestibular para psicologia no fim do ano. Mas ele já sabe que, para passar, vai precisar se esforçar mais do que o habitual. “Três professores já confirmaram que vão fazer greve. Não teremos aulas de matemática, que, pra mim, é uma das disciplinas mais necessárias. O jeito vai ser estudar em casa, e em grupo com os amigos, para não esquecer o conteúdo. Infelizmente, não há o que fazer”, lamentou Nascimento.

Professora está cansada de lutar

No IEE (Instituto Estadual de Educação), a maior escola pública da rede estadual em Santa Catarina e da América Latina, com cerca de 4.900 estudantes, a professora de inglês Tatiana Passaga, 47, disse estar cansada. Após 29 anos trabalhando em sala de aula, ela pretende abandonar a profissão. “Amo o que faço, mas não dá mais para suportar. Não queremos greve, mas não tem outro meio: é uma necessidade”, lamentou Tatiana.

Hoje, a partir das 9h15, os professores do IEE paralisam as atividades até as 10h15 para discutir sobre a adesão à greve e definir as próximas ações.

Magda ignora decisão da categoria

A professora de educação física Magda Vieira vive uma rotina normal nesta e na próxima semana. Assim como no ano passado, ela decidiu não aderir à greve. No escola em que trabalha, na E.E.B. Irineu Bornhausen, no Canto, parte continental de Florianópolis, apenas três professores devem entrar no movimento liderado pelo Sinte-SC (Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Santa Catarina). “Eu acredito nas reivindicações, mas não na forma como está sendo feito. Isso só prejudica os alunos. Eu acho que o salário tinha que ser melhor, mas quem não está satisfeito, tem que procurar outra coisa para fazer”, disse ela. Para a professora, no ano passado a greve fazia sentido, mas neste ano não teria motivos, já que houve negociações com o governo.

Magda destacou a possibilidade da escola aderir ou não à greve. A opção dos professores da Irineu levou a diretora da escola, Marise Souza Conceição, a sofrer ameaças, no ano passado. “Eles achavam que era eu quem não deixava eles entrarem. Mas aqui eles são livres. Uma das professoras que aderiram repôs as aulas no fim da greve e foi muito profissional”, comentou.

Lara quer os filhos com aulas

Lara Stotite, 40 anos, é mãe de duas crianças que estudam na rede pública. A menina, de seis anos, entrou no colégio neste ano; já o menino, de 11, conviveu com a greve do ano passado. Ela se programa para cuidar das crianças com a greve deflagrada a partir de segunda-feira. “É complicado. As crianças perdem aulas e os professores não chegam a um acordo com o governo. No ano passado, meu filho ficava em casa, e eu e meu marido tínhamos que alternar os dias de trabalho para cuidar dele”, contou.

Autônoma, Lara disse que ficava em casa criando jogos e brincadeiras para entreter o menino. Teve, inclusive, que assinar tevê a cabo. “Eles ficam estressados, e nós também. Agora, com a menina, que já se acostumou com a rotina da escola, vai ser ainda mais difícil”, completou. Na escola Henrique Stodieck, onde estuda o filho de Lara, não houve reposição de aulas no ano passado. “Estamos torcendo para não ter greve”, concluiu.



REAÇÃO

Lara Stotite, mãe de duas crianças, disse que está torcendo para não ter greve na escola dos filhos

Pais entendem a situação, mas se dizem prejudicados

A maioria dos pais entende que a situação só chegou neste ponto por falta de atenção e investimento do governo. A técnica de enfermagem Denise Maria Xavier, 47, concorda com a greve, apesar do transtorno. “A classe não é vista. É ruim porque nossos filhos perdem aula e a gente tem que se virar. No ano passado, eu levei ela para o trabalho”, afirmou.

Para Dalva Regina Crepaldi, 43,

que tem duas filhas na 3ª série e no 3º ano do ensino médio, os professores deveriam pensar em outra forma de protesto, que não interferisse nas aulas: “Em 2011, foi difícil com a pequena, pois ela estava em fase de alfabetização. Neste ano, o problema maior será com a mais velha, que precisa estudar para o vestibular.”

Kátia Coutinho Campo, 23, vendedora, entende a situação dos

professores, mas lamentou porque suas filhas são prejudicadas. Ela cobrou uma ação mais efetiva da APP (Associação de Pais e Professores) e, se houver greve, precisará deixar as crianças com a avó. “Em 2011, disseram que fizeram reposição, mas minha filha teve vários passeios e festinhas na escola. Aula mesmo, não teve como deveria. Queremos a APP atuante, a favor dos alunos”, disse.



ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO – site: <http://www.sed.sc.gov.br>
ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO - e-mail: imprensa@sed.sc.gov.br; Contato: 3221 6161

Veículo:	A Notícia	
Editoria:	AN.joinville	Data: 19/4/2012
Assunto:	Protesto	Pág: 10

PROTESTO

Cerca de 240 alunos da Escola Estadual Celso Ramos fizeram manifesto ontem porque não receberam passe de ônibus para o turno integral.